



Memória

A VOZ E VEZ DA REDAÇÃO: RELATOS ACERCA DA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA BRASILEIRO - PARTE 2 – LUÍS FERNANDO MERCADANTE

Valquíria Aparecida Passos Kneipp¹

RESUMO: Luís Fernando Mercadante também foi um jornalista do tempo que não havia exigência de diploma para atuar em redações. Foi reconhecido pelo brilhantismo do texto no impresso. Trabalhou nos principais veículos impressos do país como Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Revistas Manchete, Veja e Realidade, entre outros. Em 1966 ganhou o prêmio Esso de reportagem com matéria “Brasileiros Go, Home!, a respeito da presença das tropas brasileiras na república Dominicana, publicada na revista Realidade. Nos anos 1980 foi para televisão, onde segundo os colegas fez uma pequena revolução em termos profissionais e de texto. O inquieto e talentoso Mercadante foi entrevistado no dia 24 de outubro de 2006, na cidade de São Paulo

PALAVRAS-CHAVE: *Bom Dia São Paulo. Luís Fernando Mercadante. Telejornalismo.*

ABSTRACT: Luís Fernando Mercadante was also a journalist of the time that there was no requirement of diploma to act in newspaper editorials. Was recognized by the brilliance of the text on the published. He has worked in the main printed vehicles of the country such as Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Manchete, Veja and Realidade magazines, among others. In 1966, he won the Esso prize for reporting on “Brazilians Go, Home!”, about the presence of Brazilian troops in the Dominican Republic, in the Realidade magazine. In the 1980s, he went on to television, where, according to his colleagues, he made a small revolution in professional and text terms. The restless and talented Mercadante was interviewed on October 24, 2006, in the city of São Paulo

KEYWORDS: *Good Morning São Paulo. Luís Fernando Mercandante. Telejournalism.*

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: valquiriakneipp@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Durante a pesquisa de doutorado realizada de 2005 a 2008, na Escola de Comunicações e Artes da USP, sobre a “trajetória de formação do telejornalista brasileiro” foram entrevistados 37 jornalistas que trabalharam ou trabalham em telejornalismo, divididos em cinco décadas (1950, 1960, 1970, 1980 e 1990). Destes personagens que contaram como ocorreu a formação do telejornalista no Brasil, até o momento, cinco já faleceram. Para lembrar as contribuições destes jornalistas, as entrevistas realizadas com os mesmos durante a pesquisa serão publicadas em uma série de cinco edições da Revista Alterjor. Na edição anterior, o homenageado foi o jornalista Fernando Barbosa Lima, que faleceu em 05 de setembro de 2008, no Rio de Janeiro. Agora, trazemos, na íntegra, o depoimento de Luiz Fernando Mercadante, que aconteceu no dia 24 de outubro de 2006, na cidade de São Paulo. O falecimento do nosso entrevistado foi em 31 de julho de 2012.

MERCADANTE – DO TEXTO NO IMPRESSO À REVOLUÇÃO NO TELEJORNALISMO.

3

VPK: *Vamos. Como que você foi trabalhar na tevê pela primeira vez?*

LFM: Eu estava trabalhando no Jornal da Tarde, era editor de Cidades, toca o telefone, era Luiz Edgard de Andrade, que tinha sido meu colega em veículos impressos, mas estava na TV Globo no Rio. Ele falou: “o Mercadante o pessoal aqui o Armando, a Alice estão interessados em contratar você”. Eu disse, mas você está louco, eu nunca trabalhei em televisão. Daí ele falou: “uma vez é a primeira, como eu também não tinha, eu estou aqui e estou gostando”. Daí eu falei mandem a passagem, eu fui e fiquei 10 anos.

VPK: *Qual que é a sua formação?*

LFM: Segundo colegial. Dia 24 de agosto de 54 o Getúlio se suicidou, eu nunca mais fui à aula. Então a minha formação, quer dizer, escolar é até 24 de agosto de 54. Depois

o mundo da tantas voltas né... Dei até aula na escola universitária lá no Rio de Janeiro, me sentia o rei da cocada preta, mas bobagem.

VPK: *Quando você recebeu este convite para trabalhar em TV, que tipo de experiência era necessário?*

LFM: Nenhuma. Eu tinha por acaso, dois anos de Rádio Globo aqui em São Paulo. Não é Globo chamava Eldorado. Mais se eles me chamaram é porque eles conheciam os meus textos, as minhas coisas. Eles não me pediram nada. Eu fui, comecei a trabalhar, isso que é importante, como chefe de redação da TV Globo em São Paulo. E aí eu fiz uma pequena revolução, porque eu levei vários jornalistas de jornal e revista para lá. Havia naquele tempo uma espécie de afastamento. E com a minha chegada lá, eu acabei com o afastamento, mandei vim fulano, cicrano e aí mudou tudo.

VPK: *E você teve que fazer algum curso alguma especialização?*

LFM: Nada. Anos depois eu fiz tipo um curso na CNN americana, numa TV Japonesa, mas não eram cursos, eram mais estágios.

VPK: *E como que era o trabalho daquela época não dá pra você fazer um paralelo com os dias de hoje?*

LFM: Nos dias de hoje, eu posso dizer que eu não sei, mas eu posso dizer que era bem diferente. Naquela época a gente se entregava de alma ao trabalho. Eu entrei normalmente tudo normal e tal. Depois de três meses, o Armando e a Alice me chamaram e disseram o seguinte: “você vai fazer o Bom Dia São Paulo porque não existia Bom Dia nenhum”. E é o Bom Dia São Paulo porque se a gente fizer o Bom Dia Rio o doutor Roberto Marinho e os filhos dele vão ficar de olho. E o Bom Dia São Paulo só passava em São Paulo, eu podia cometer os erros que cometesse sem ser julgado na hora. Eu armei um esquema maravilhoso. Eu entrava às quatro e meia da manhã. Isso durante seis meses, quatro e meia da manhã com o mesmo salário é duro, é complicado. Mas no fim deu certo. Encontrei lá uns bons profissionais, isso é verdade, e levei melhores ainda. De repente tinha um grande grupo, um bom grupo. Levei para chefe de reportagem da TV Globo aqui em São Paulo, o Dante Matiusse, que é uma pessoa mais ou menos conhecida e levei duas dezenas de jornalistas de bom nome. O

único que eu convidei e ele não quis ir, porque ele tinha sido despedido do Estadão, e eu convidei imediatamente, ele falou não, muito obrigado, eu não quero, meu negócio é imprensa escrita. Você pode ler ele todo dia na Folha, chama Clovis Rossi, quer dizer é um cara que sabia onde estava o nariz dele. E quem lê todo dia ele sou eu. É engraçado. O cara perdeu o emprego, não tinha nada e bateu o pé na imprensa escrita.

VPK: *Naquela época quais eram as funções que tinham?*

LFM: Fui para ser chefe de redação aqui em São Paulo. As outras eu era chefe de redação, tinha três ou quatro editores, que era o editor geral, tinha o editor que era de medicina, saúde por essa área, o outro que era de polícia, o outro não sei o quê. Embaixo dos quatro, tinha o Dante Matusse que era o chefe de reportagem geral é isso.

VPK: *Você poderia comentar como era o processo de elaboração do telejornal, naquela época, do começo até o fim?*

LFM: Era assim: chegava às quatro e meia da manhã ia para as cabines, tinha as cabines, onde tinha as máquinas de armar matéria, e via todas as matérias que estavam prontas, mandava muda isso, muda aquilo, muda aquilo outro e que mais... Armava a meia hora do jornal, tinha um apresentador, conversava com ele, ficava tudo pronto. Daí, eu ia para a sala, onde tinha as mesas operadoras, esse apresentador ia para o estúdio, e na hora certa, tocava a musiquinha e a gente mandava vê. Nós não víamos o Rio, mas o Rio nos via. Então, o Armando e a Alice, no começo, tomavam muita conta de nós até que um dia, o Armando falou: "olha até hoje nós tomávamos conta, vamos parar porque vocês estão indo bem e tal". Passados uns tempos, talvez uns dois anos... Aí me chamaram para o Rio. Eu cheguei lá no Rio e a minha chefe era a Alice Maria, mulher, minha chefe, nem a pau. Eu casei com ela. Vivi cinco anos com ela. Depois nos separamos e o que eu tenho notícia, ela casou de novo. Eu casei só cinco vezes. Antes, durante e depois dela.

VPK: *Você lembra de alguma história que pudesse ilustrar o processo de evolução do telejornal?*

LFM: Quando eu cheguei era filme preto e branco, depois filme a cores. Depois TV preto e branco, depois TV em cores, quer dizer câmera, só aí é uma mudança bem

grande porque o filme chegava, tinha meia hora, quarenta minutos, uma hora para botar no ar. O VT se podia até passar da rua e ia para o ar o videotape. É bem diferente.

VPK: Em sua opinião, a tevê brasileira copiou o telejornalismo americano e mantém até hoje esse modelo?

LFM: Minha opinião é de que o futebol brasileiro copiou o futebol inglês, no que fez muito bem. Já a televisão brasileira principalmente nessa área de jornalismo, telejornalismo, noticiário, copiou um pouco pelo menos da tevê americana, mas copiou certo, quem fazia melhor: os americanos e até hoje eles batem na gente. São incríveis, e os japoneses também são muito bons, mas aí é mais difícil de copiar. Então nós copiamos um pouco os americanos, e hoje temos uma personalidade própria, tanto é que os americanos, que vem aqui às vezes, professor da faculdade, às vezes os jornalistas só para olhar um pouco e fazer matéria no Brasil, ficam bobos. Porque eles vão para Europa, que apesar de terem bons telejornais, na França, na Itália, na Alemanha, não sei mais onde, eles olham o brasileiro e falam: “é melhor do que da Europa”.

VPK: *Mais é igual ao americano ou você acha que o Brasil ultrapassou?*

6

LFM: Nada é igual. O Brasil não faria nada igual ao americano, são coisas muito distintas. Não acho que ultrapassou, mas não acho que ficou para trás. Eu acho que tem um modelo próprio. O modelo americano é meio quadrado, perfeito, mas meio quadrado. O brasileiro, se precisar, eu aperto aqui para agora tudo e fica até sete da noite com matéria, desde que a matéria seja boa. Já o americano não faz isso, ele dá um flashzinho de um minuto e volta correndo por causa do tutu, dólar. Nós largamos mais fácil porque o nosso tutu é menor.

VPK: *Você se lembra de alguma história de redação que tenha te marcado muito a sua passagem pela televisão nesses mais de dez anos que você ficou lá?*

LFM: Bem mais de dez anos. Eu me lembro de algumas histórias. Uma que eu lembro: tinha uma colega, redatora, não estou me lembrando o nome dela, que o irmão dela que era redator tinha morrido tempos atrás, de uma doença qualquer, toda vez que eu há via, eu sentia um pouco, porque ele morreu trabalhando lá. Até um dia eu a chamei,

conversei bastante com ela, contei essa história e ela deu até risada. “Não seja bobo”. E daí para frente foi mais fácil.

VPK: *Você ocupou algum outro cargo sem ser o de chefe de redação?*

LFM: Chefe de redação, diretor de redação é só.

VPK: *Qual era a diferença de chefe de redação para diretor de redação?*

LFM: Salarial. O chefe ganhava oito e outro ganhava 10, por aí.

VPK: *E aqui quantas pessoas, em média, você tinha subordinadas?*

LFM: Em São Paulo 40 e no Rio 60.

VPK: *Em São Paulo comandava só a capital ou o interior também?*

LFM: Tudo e mais o interior. Só tinha as estações não tinha gente propriamente. Tinha em Campinas, mas enfim o que valia mesmo era a capital. A gente mandava as pessoas para o interior. Eu queria acrescentar o seguinte: Eu sou do tempo que o jornalista era um profissional que trabalhava em televisão, que trabalhava em jornal e revista só. Hoje eu sou um homem que concorda que o jornalista é um homem que trabalha em jornal, revista, mas acredito no rádio e na televisão. Então é uma coisa maior.

VPK: *Você falou que antes de ir pra TV trabalhou no rádio e antes do rádio no impresso. Sua experiência no rádio ajudou você a assimilar o veículo televisão?*

LFM: Ajudou, ainda que eu fosse muito pouco na redação da rádio, porque eu ficava no quinto andar, que era do Jornal da Tarde, a rádio era no sexto, eu ia pouco, mas assim mesmo ajudou porque eu senti no rádio a grande diferença que tem do jornal de papel. Porque claro que tem uma diferença para a televisão, mas eu pelo menos me senti no meio aí.

VPK: *E o que era tão diferente do impresso para o rádio e do rádio pra televisão?*

LFM: Bem, eu vou falar coisas erradas, você acerta pra mim, a instantaneidade. No jornal você entrega a matéria as sete, vai e sai às sete da manhã. Rádio você entrega às três da tarde pode sair às três e cinco. Televisão hoje em dia você entrega as três pode sair

três e dois. Isso é importante, eu acho a instantaneidade. Televisão se não tem tempo de escrever. Se tem tempo de escrever uma cabeça que vai dizer assim: “desastre na Via Dutra, Km 95, baba”, e já tem a imagem lá, por baixo da imagem pode ter um repórter dizendo terrível aqui, feridos, não sei o que. Mas isso não está lendo, fala de improviso. Não é mole ser repórter de televisão. O improviso é pesado. É isso. Eu adoro vê Bandeirantes, Record, os telejornais porque a Globo, eu já sei o que vem. Agora Bandeirantes e Record para a minha surpresa, muitas vezes estão ótimas. Bandeirantes às vezes dá um show. Record às vezes dá um show. Canal 2 Cultura, eu sei que é tudo direitinho, tudo correto, nem me interessa muito, mas eu sei que é correto. SBT usa pouco o jornalismo. O canal nove tem alguma coisinha, mais ou menos bem, tem um jornal de manhã tipo nove horas. Canal onze é Gazeta, que é uma bobagem, mas uma hora a TV da editora Abril, alugou horário na TV Gazeta, e nós fizemos um programa lá. Eu botei de âncoras o Paulo Markun e a Silvia Poppovic. Quando eu os escolhi, a Silvia não era nada, não existia. Eles foram fazer testes, quando eu escolhi a Silvia Poppovic, um colega disse: “Mercadante, você ta loco, porque ela é gorda demais?” Engraçado. Eu me lembro da apresentação que abriu o noticiário. Ela que abriu assim: “Boa Noite, meu nome é Silvia Poppovic, S de São e P de Paulo – São Paulo”. Aí entrava o Markun e ele dizia: “Meu nome é Paulo Markun”. Não precisava dizer mais nada. E durante mais de um ano nós fizemos um bom trabalho lá. Eu sei que a Abril deve ter coisas em televisão também, mas ela não aprofundou, e se o seu Vitor tivesse vivido mais, Vitor Civita lá da Abril, ele teria aprofundado mais. Seu Vitor foi talvez a maior personalidade do jornalismo patronal que conheci. Nós éramos íntimos e eu vou contar uma historinha só para terminar. Ele estava saindo da Abril de carro, veio outro carro e bateu no paralamas dele e a roda ficou presa, eu vinha no carro de trás, saltei, eu era mais moço, meti o pé na roda dele, peguei puxei soltei. Sabe que o filho da puta não falou nem muito obrigado. Foi embora. O que eu quero dizer é que nenhuma outra profissão poderia ter me dado tanta alegria.

REFERÊNCIA

KNEIPP, V.P. *Trajetória da formação do telejornalista brasileiro – as implicações do modelo americano*. Tese de Doutorado. Orientação: José Marques de Melo. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 2008.